

## TRADUÇÃO

# Tradição e conhecimento, ou a vida ao ar livre – apresentação à tradução

DANIEL BELIK

MARIANA CIAVATTA PANTOJA

Depois de arrefecidas as discussões sobre caçadores-coletores, humanidade-animalidade, ecologia e evolução travadas com a antropologia de Manchester na década de 80, Tim Ingold estabelece-se definitivamente como referência teórica ao organizar a *Companion Encyclopedia of Anthropology: Humanity, Culture and Social Life* (1994). Logo depois veio *Key Debates in Anthropology* (1996), que recolocou no radar da disciplina temas ainda hoje discutidos, como a capacidade de generalização da antropologia social, e conceitos como “sociedade”, “linguagem”, “mundo humano” e “estética”. Seu trabalho, contudo, só passa a ser largamente difundido no Brasil a partir da publicação de *The Perception of the Environment* (2000)<sup>1</sup>. Na década seguinte, estudantes de antropologia, arquitetura, artes, arqueologia e pedagogia brasileiros e de vários países da América Latina (principalmente Argentina, Uruguai, Chile e Colômbia) já estavam estudando ou fazendo intercâmbio, sob supervisão de Ingold, no recém-criado departamento de antropologia da Universidade de Aberdeen, na Escócia. Principalmente depois de sua passagem pelo Uruguai e pelo Brasil, em 2011, ocasião em que visitou a UDELAR, a UFRGS, a UNB e a UFMG, vários materiais de sua autoria e a partir de sua obra começam a ser traduzidos e/ou publicados em português e espanhol<sup>2</sup>.

1 Ou apenas *Perception*, como iremos nos referir aqui a esta obra, lamentavelmente, até o momento, ainda sem tradução para o português. Podemos talvez dizer que o fechamento de um ciclo do *Perception* se deu em 2015, com o simpósio *Beyond Perception*, que aconteceu em Aberdeen com a participação de diversos acadêmicos visando avaliar o desempenho daquela obra desde sua publicação

2 Alguns exemplos são as traduções dos livros de Ingold “*Evolution and Social Life*” (1986), “*Lines*” (2007) e “*Being Alive*” (2011), e dos seus artigos: “*What is an Animal?*” (1988), “*Humanity and Animality*” (1994), “*From Complementarity to Obviation: On Dissolving the Boundaries between Social and Biological Anthropology, Archaeology and Psychology*” (1998), “*Three in One*” (1999), “*From the transmission of representations to the education of attention*” (2001), “*On the Distinctions between Evolution and History*” (2002), “*Materials against Materiality*” (2007), “*Bringing Things to Life: Creative Entanglements in a World of Materials*” (2010), “*Dreaming of Dragons: on the imagination of real life*” (2013), “*That’s enough about ethnography!*” (2014), “*The maze and the labyrinth: walking, imagining and the education of attention*” (2015), “*Anthropology contra ethnography*” (2017) e dos capítulos 13, 14 e 21 do *Perception* (2000): “*To Journey along a way of life: maps, wayfinding and navigation*”, “*Stop, Look, Listen!*” e “*People like us: the concept of the anatomically modern human*”, respectivamente. Na bibliografia ao final dessa apresentação podem ser encontradas referências dos artigos e livros já traduzidos para o português e o espanhol.

Ainda assim, talvez haja mais ainda a ler ou descobrir a partir do *Perception*.

Na tradução a seguir, de um artigo contemporâneo a esta obra e escrito em coautoria com uma antropóloga “nativa” da região ártica, buscamos continuar a dar visibilidade às questões propostas pelo autor. Neste texto de apresentação, nosso objetivo é chamar atenção para algumas reflexões que a leitura de uma etnografia nórdica<sup>3</sup> suscitou em nós, amazônidas.

A decisão de traduzir este artigo nasceu num contexto de leitura, sem um roteiro muito definido, de alguns textos de Ingold; os interesses e acúmulos sobre a obra do autor eram um pouco diversos, e assim fomos negociando nosso percurso ao longo do caminho. Encontramos a referência ao artigo aqui traduzido num capítulo de *Being Alive* em que Ingold argumenta contra a noção de espaço por sua tendência de enclausuramento da “vida” — este que é um conceito crucial, para não dizer vital, na antropologia por ele defendida. Tal enclausuramento tem suas raízes no que ele chama de “lógica da inversão”: a ideia de que sistemas locais de conhecimento não seriam a expressão do envolvimento das pessoas no mundo, mas ao contrário, seriam transmitidos já prontos de geração em geração (Ingold 2011:155).

Neste sentido, a primeira ideia a ressaltar no artigo de Ingold e Kurtilla é a de genealogia, ou “modelo genealógico”<sup>4</sup>, à qual os autores se opõem com veemência, pode-se dizer, em sua discussão sobre o sentido da ideia de cultura e do ato de conhecer. Para eles, o repertório de saberes e fazeres que configuram uma cultura, ou uma herança cultural, não podem estar presos, como se supõe, a um passado tal como numa linha de descendência genética. Esse análogo ao genótipo, apelidado de “culturótipo”, é a crença de que informação é passada nessas linhas de transmissão (Ingold, 2007: 115). No *Perception*, Ingold já denunciara este divórcio operado pelo modelo genealógico entre a aquisição de conhecimento e as experiências ambientalmente situadas de que se constituem a vida das pessoas (Ingold, 2000: 138). A etnografia apresentada por Ingold e Kurtilla mostra claramente como as pessoas se dão conta do que fazem “perambulando”, ou se movimentando pelo ambiente.

As consequências do que foi dito são enormes. Ingold prefere se referir a um conhecimento “estoriado” ou “narrativo” (*storied knowledge*), em oposição a um conhecimento “classificatório” (2015 [2011]). Aquele articula noções-chaves no pensamento ingoldiano, como *lugar*, *movimento* e *conhecimento* que, por sua vez, apontam não para conceitos e relações independentes do contexto, mas para nós ou nódulos de ocorrências gerados pelos caminhos da vida. Estas noções, será visto, encontram-se operacionalizadas no artigo de Ingold e Kurtilla. Podemos mesmo dizer que este artigo é a primeira tentativa de Ingold de experimentação com a ideia de *weather*, ou seja, de mostrar que a vida é vivida ao longo de um mundo em formação onde os grupos locais orientam-se pelas estações do ano, valen-

---

3 Desde 2013, Ingold coordena o projeto *Knowing from the inside: anthropology, art, architecture and design* e o Grupo de Estudos do Norte (The North), na Universidade de Aberdeen, que desenvolve pesquisas sobre a Finlândia, a Lapônia, a Europa do Norte e o Circumpolar Norte.

4 Em 1910, um artigo de W.H.R Rivers trouxe o método do modelo genealógico para a Antropologia e estabeleceu uma separação entre as histórias contadas pelas pessoas sobre elas mesmas e as informações obtidas delas mediante análise científica sistemática. Quase que imperceptivelmente, mostrou Ingold no *Perception* (p. 138), a diferença foi transformada em diversidade integrada verticalmente – de descendentes para baixo e ancestrais para cima –, comparando indivíduos com base nas características que eles possuíam, descartando as eventuais relações que eles travassem uns com os outros.

do-se de sua habilidade de perceber as menores mudanças de tempo (*weather*) (Ingold 2008: 1803). Esta habilidade é conceituada por Ingold como *skill*, um conhecimento desenvolvido e transmitido no fazer, e por isso também secreto, subterrâneo, irrevelável. Os velhos têm mais conhecimento não porque acumularam mais informação durante a vida, mas porque por meio das atividades que executaram sua sensibilidade para os sinais do meio ambiente foram desenvolvidas, assim como sua capacidade de responder a esses sinais com bom-senso e precisão (Ingold 2015 [2011]: 238).

O caminho para esta abordagem, tal como trabalhada por Ingold e Kurttila, foi uma pesquisa com os Sami — agricultores e pastores da Lapônia finlandesa — sobre seu ambiente, em particular sobre as mudanças que percebiam e se estas poderiam se constituir em indicadores de “mudanças climáticas”, ao lado dos já estabelecidos pela ciência. Em sua investigação, Ingold e Kurttila encontraram que as mudanças percebidas são narradas não como alterações “climáticas” (comumente identificadas por índices tais como temperatura, precipitação, etc), mas sim como experiências e memórias relativas a atividades comumente realizadas ou a momentos cruciais da vida coletiva (como nascimentos e mortes), e que esse conhecimento estava ainda diferencialmente distribuído intergeracionalmente e entre homens e mulheres, engajados que estão em tarefas diferentes. Os autores observaram o quanto os cinco sentidos funcionam como órgãos da percepção e, enquanto tais, importantes ferramentas de conhecimento. “Percebe-se, com efeito, com todo o corpo”, dizem Ingold e Kurttila. Esta atenção multisensorial, por exemplo, permite aos Sami, em suas diferentes andanças e atividades, orientarem-se com mais segurança e eficácia. Nos momentos em que o ambiente silencia, como antes de uma tempestade, há incerteza e insegurança, pois não há com o que sintonizar — sendo este verbo o próprio significado do “mover-se num ambiente”.

O conhecimento tradicional, seguindo a maneira local de descrever os processos de vir a conhecer, se referiria, portanto, a “uma propriedade de todo o organismo-pessoa humana”; realizar-se-ia enquanto tal ao longo da história de envolvimento prático das pessoas com um ambiente; e seria contínuo, isto é, sempre em “geração e regeneração”, o que, por sua vez, seria perfeitamente compatível com a ideia de uma tradição que atravessa o tempo sem adquirir uma forma fixa e imobilizadora. A questão é relevante, e, para os Sami, urgente, já que enfrentavam, à época de publicação do artigo, questionamentos típicos do pensamento genealógico com relação a autenticidade de suas práticas culturais. Sob o risco da perda de direitos territoriais, estava sendo deles exigido que formulassem sua tradição de uso da terra em termos de regras e princípios inteligíveis pela lógica da descendência ou herança, no caso cultural. A definição dos Sami de que sua tradição é “a forma como fazemos as coisas aqui” — afirmação cujas consequências teóricas serão exploradas no artigo de Ingold e Kurttila — é inaceitável para a ideia de conhecimento tradicional produzida pelo discurso moderno, impregnado que está justamente pelo modelo genealógico.

A partir, portanto, da crítica feita ao modelo genealógico de pensamento, e da etnografia apresentada pelos autores, torna-se impossível pensar a tradicionalidade de um conhecimento com base na ideia de que haveria um corpus de conceitos e práticas, aplicado ou dito, replicado de geração em geração como um legado do passado, antes e independente da existência das pessoas. Ao contrário, este cor-

pus é gerado nos contextos da atividade presente, na interação entre pessoas e seus ambientes de vida. Como Ingold já deixara claro em *Perception*, as pessoas são educadas com base em um processo de vida.

Isto posto, é inevitável perguntar-se sobre o que seriam “conhecimentos tradicionais”, tema tão caro aos “povos e comunidades tradicionais” de todo Brasil, e da Amazônia em especial. Trata-se daquele conjunto de saberes e práticas herdado dos antepassados e conservado por seus descendentes? De um repertório culturalmente diferenciado cujos laços de origem constituem uma espécie de marca distintiva do grupo e de seu modo de vida? A contribuição de Ingold (e Kurtilla) a esta discussão estaria justamente no papel desempenhado pelo ambiente de vida das pessoas no processo (pois é disto que se trata) de constituição do conhecimento local e sua tradicionalidade. Neste sentido, o que será que está em curso em lugares como, por exemplo, o Parque Indígena do Xingu, onde parece não ser mais possível guiar-se pelos sinais da natureza, ou melhor, onde estes sinais talvez estejam se tornando ininteligíveis?<sup>5</sup> Que transformações estão em curso nas formas locais de percepção e elaboração do conhecimento?

É seguindo esta linha de raciocínio que os autores vão trazer à tona e criticar a prioridade que a Convenção 169, da OIT, concede ao critério da descendência na definição de uma pessoa como “indígena”. Algo interno, sobre o qual a pessoa não tem nenhum controle ou agência, a definiria; ela não precisaria fazer nada para ser indígena, nem mesmo viver em sua terra. Talvez este seja o ponto mais delicado do texto, em especial quando pensamos no contexto de demandas por direitos e reconhecimento por parte dos povos indígenas brasileiros. Mas o que Ingold e Kurtilla querem denunciar é a armadilha do modelo genealógico, que tira a vida presente e vivida de cena em troca de imagens, relatos e relações pré-definidas. Não estarão muitos grupos locais presos nesta armadilha quando lhes é imputado a denominação de “tradicionais”, e se veem obrigados a uma série de regras e deveres “de fora” para permanecer em seus territórios, agora recobertos por Unidades de Conservação?<sup>6</sup>

O exemplo dos Sami alerta para um tipo de engessamento que ameaça a tradição tal como reconhecimento e vivida pelo grupo. Na tradução que ora apresentamos, Ingold e Kurtilla propõem justamente uma abordagem dos conhecimentos tradicionais que, como dizem, “soe mais consonante com as sensibilidades locais”.

*Daniel Belik é doutor em Antropologia Social pela Universidade de St. Andrews (Grã-Bretanha) e atualmente professor substituto na Universidade Federal do Acre (UFAC).*

*Mariana Pantoja Franco é doutora em Antropologia Social pela UNICAMP e professora de Antropologia na Universidade Federal do Acre (UFAC).*

---

5 A referência aqui é o minidocumentário “Antes da Chuva” (Rede de Sementes do Xingu e ISA, 2018), disponível na internet, e que registra a percepção de jovens agricultores e indígenas do Xingu e Araguaia dos efeitos das “mudanças climáticas” em suas vidas e cotidiano de trabalho.

6 Ver, por exemplo, o trabalho de Prado (2012), que discute o conceito de “populações tradicionais” assumindo justamente a perspectiva defendida por Ingold e Kurtilla.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- INGOLD, Tim. 1991. *Evolución y vida social*. México: Grijalbo.
- INGOLD, Tim (ed.). 1994. *Companion encyclopedia of anthropology: humanity, culture and social life*. London: Routledge.
- \_\_\_\_\_. 1995. Humanidade e animalidade. *RBCS* (28): 39-53.
- \_\_\_\_\_. 1996. *Key debates in anthropology*. London: Routledge.
- \_\_\_\_\_. 2000. *The perception of the environment: essays on livelihood, dwelling and skill*. London: Routledge.
- \_\_\_\_\_. 2006. “Sobre a distinção entre evolução e história”. *Antropolítica* (20): 11-16.
- \_\_\_\_\_. 2007. “Introdução. O que é um animal?”. *Antropolítica* (22): 129-150.
- \_\_\_\_\_. 2008a. *Pare, olhe, escute! – um prefácio*. São Paulo. Ponto Urbe [Online], 3. <https://journals.openedition.org/pontourbe/1944> (Acesso em 10/07/2018)
- \_\_\_\_\_. 2008b. “Tres en uno: cómo dissolver las distinciones entre mente, cuerpo y cultura”. In: Sánchez-Criado, T. (org.). *Tecnogénesis: la construcción técnica de las ecologías humanas (Vol. 2)*. Madrid: Antropólogos Iberoamericanos en Red.
- \_\_\_\_\_. 2008c. “Bindings against boundaries: entanglements of life in an open world”. *Environment and Planning* (40): 1796-1810.
- \_\_\_\_\_. 2010. “Da transmissão de representações à educação da atenção”. *Educação* (1): 6-25.
- \_\_\_\_\_. 2011. ‘Gente como a gente.’ *O conceito de homem anatomicamente moderno*. São Paulo. Ponto Urbe [Online], 9. <https://journals.openedition.org/pontourbe/1823> (Acesso em 10/07/2018)
- \_\_\_\_\_. 2012a. “Trazendo as coisas de volta a vida: emaranhados criativos num mundo de materiais”. *Horizontes Antropológicos* (37): 25-44.
- \_\_\_\_\_. 2012b. “Caminhando com dragões: em direção ao lado selvagem”. In: PRADO, Rosane M. 2012. “Viagem pelo conceito de populações tradicionais, com aspas”. In: STEIL, Carlos A. & CARVALHO, Isabel C. de M. (orgs.). *Cultura, percepção e ambiente: diálogos com Tim Ingold*. São Paulo: Editora Terceiro Nome.
- STEIL Carlos A. & CARVALHO, Isabel C. de M. (orgs.). *Cultura, percepção e ambiente: diálogos com Tim Ingold*. São Paulo: Editora Terceiro Nome.
- \_\_\_\_\_. 2013. “Los materiales contra la materialidade”. *Papeles de Trabajo* (11): 19-39.
- \_\_\_\_\_. 2015a. “Desde la complementariedad a la obviación: sobre la disolución de los límites entre la antropología social, biológica, arqueología y psicología”. *AVÁ Revista de Antropología* (26): 12-51.
- \_\_\_\_\_. 2015b. *Líneas: una breve historia*. Barcelona: Gedisa.
- \_\_\_\_\_. 2015c. *Estar vivo: ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição*. Petrópolis: Editora Vozes.
- \_\_\_\_\_. 2015d. “O dédalo e o labirinto: caminhar, imaginar e educar a atenção”. *Horizontes Antropológicos* (44): 21-36.
- \_\_\_\_\_. 2016. “Chega de etnografia! A educação da atenção como propósito da antropologia”. *Educação* (3): 404-11.

- \_\_\_\_\_. 2017. "Antropologia versus etnografia". *Cadernos de Campo* (26): 223-229.
- \_\_\_\_\_. s/d. *Jornada ao longo de um caminho de vida – mapas, descobridor-caminho e navegação*. Mimeo.

RECEBIDO: 10/07/2018

APROVADO: 12/07/2018